

Modesto Carone. *Por trás dos vidros*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007. 206 p.

Conhecido no espaço das letras brasileiras como tradutor das obras de Franz Kafka (1883-1924), Modesto Carone, além de ensaísta e crítico, é ficcionista. *Por Trás dos Vidros* é uma coletânea de contos editados em livros anteriores: *As Marcas do Real* (1979), *Aos Pés de Matilda* (1980), *Dias Melhores* (1984), e de contos publicados no jornal *Folha de São Paulo* entre os anos de 1985 e 2001.

Reunidos graficamente conforme as edições anteriores, os contos de Modesto Carone têm como peculiaridade, que os mantêm coesos, o homem em constante visita ao seu interior, como se realizasse viagem para dentro de si. O resultado desse passeio é exteriorizado das mais diversas maneiras, mas sempre com impacto, tanto nas vidas das personagens quanto na expectativa do leitor. Tais ações, e muitas vezes, a falta delas, explicitam as ambiguidades inerentes às personalidades desses seres de papel.

Um dos recursos usados pelo autor para demonstrar as rupturas da unicidade do ser está na duplicação da personagem em observador e objeto observado. Tanto é que, em vários deles, elas saem de seus corpos e se enxergam a si mesmos na realização dos movimentos mais triviais, ou, então, prestes a cometerem os mais ensandecidos atos. Da mesma forma, algumas personagens se duplicam em outros seres, como é o caso de Matilda, que às vezes se apresenta como Irmã, ou o narrador de “O ponto sensível”, que se transmuta em seu próprio filho.

Assim, andam, lado a lado na narrativa, o cotidiano de homens solitários, casais desestruturados e memórias de infância unidos a ações das mais estranhas e bizarras. O dia-a-dia de uma vida que se aparentava normal, de repente se desestrutura para o mais inverossímil dos desfechos, exibindo o homem perdido e desconcertado de um mundo contemporâneo que nos é apresentado em pequenas pinceladas.

A paisagem que se vislumbra com mais exatidão não é o cenário das cidades e casas, que dão apenas o suporte para se explicitar algo maior, o ser humano, vivo, em meio às suas lembranças e ao peso de sua consciência. Viver, para essas personagens, é como procurar pela fenda mais larga por onde se possa passar a uma outra realidade. Paradoxalmente, suportar seus cotidianos não parece ser um fardo, pois existe uma leveza, uma rarefação nas atitudes e nas conclusões com que as personagens se descobrem, ou tentam se descobrir, inseridas no mundo. É como se elas fossem vistas através de uma película fina, o vidro, por exemplo. O homem dessas narrativas que olha para dentro de si não encontra obstáculos imensos ou opacos; muito pelo contrário, ele consegue, rapidamente, se observar através dessa tela translúcida, pela qual pode se ver, mas raramente se compreender.

Os contos de *Por Trás dos Vidros* não são surreais, nem fantásticos. Eles exemplificam, através de suas narrativas estranhas, a vivência das personagens em uma sociedade contemporânea. Como a maioria dessas narrativas foi escrita na época da ditadura militar brasileira, as metáforas são plenamente cabíveis. Os mundos ficcionais de Modesto Carone podem ser relacionados à opressão, à falta de liberdade desse contexto brasileiro. Mas editados agora, não perderam em nada na estranheza de suas fabulações. Elas continuam atualizadas, mais reais quando percebemos que o homem continua solitário, perdido, tentando se encontrar como ser pertencente a um mundo que não lhe faz sentido. Desse ponto de vista, não há como não se pensar na influência da narrativa kafkiana nas entrelinhas da ficção de Modesto Carone. Estão lá as mesmas imagens esdrúxulas de um homem que não consegue compreender a engrenagem da sociedade em que vive.

Se seguirmos o tom da epígrafe que abre o livro, e que trata das palavras de Theodor Adorno a respeito do sofrimento do homem ligado aos momentos sociais de um mundo alienado, podemos vislumbrar essa relação nas narrativas do mundo diegético com o contexto histórico-social do homem contemporâneo. Um bom exemplo de correspondência sociedade alienada/homem sofrido está no conto “As marcas do real”. A realidade da narrativa se apresenta no fato dela ser uma pequena biografia do poeta austríaco Georg Trakl (1887-1914), morto aos 27 anos, de uma overdose de cocaína. A frase final do conto retoma a narrativa desde seu início, pois se trata de uma indagação que o poeta Rainer Maria Rilke teria feito a si mesmo: “quem teria sido ele?”, referindo-se

ao poeta morto. A partir daí se recicla a pequena biografia do jovem poeta. Sua história parece surreal, como as histórias de outras personagens do livro de Modesto Carone. Na sua vida sofrida apareceram o pai vulnerável, a mãe com transtornos psicológicos, o amor incestuoso pela irmã, a dependência de drogas fortes, a participação na Primeira Guerra Mundial e, por fim, o suicídio. Eis aí uma história real que se encaixa perfeitamente nas histórias ficcionais dos contos de *Por Trás dos Vidros*.

Georg Trakl é apenas mais um dos oprimidos pela realidade da vida nessas narrativas. Cada um, a seu modo, procura se encaixar no mundo: o viúvo que vê o seu passado na sala de casa; o suicida; o homem que se descobre integrado à cama; o funcionário que trabalha agachado sob a mesa; o homem que se depara sob a mira de um atirador; a personagem que vive com os ratos nos esgotos; as dúvidas e as inseguranças da vida após a separação do casal, etc.

Nos contos de *Por Trás dos Vidros* não se encontram relatos felizes, nem experiências edificantes. Encontra-se somente o homem solitário, mais um perdido nas cidades; mais um perdido nas narrativas contemporâneas. O homem frente a frente consigo mesmo, sem espaço para o diálogo, vivendo o seu derradeiro momento a todo instante, como é o homem de João Gilberto Noll, de Caio Fernando Abreu, de Cristóvão Tezza e outros. Pensando bem, o homem solitário de quase todas as narrativas literárias, pois independente das ações no tempo e dos companheiros de trajetória, o homem sempre está só consigo. O homem de Modesto Carone é apresentado ao leitor como um ser sem medo, translúcido, leve no seu ato de viver a sua vida pesada. Ele se projeta sem mágoa ou tristeza, estoicamente assumindo o que deve vir, sem alarde, mas sem alienação. Ele tem consciência do seu entorno e das consequências de cada ato seu, mesmo que essa ação se desvirtue para outros caminhos. Ele é um homem consciente de seu modo de estar no mundo. Ele é o centro do problema, como diz uma das personagens, em “Reflexos”: “Isso significava que o cerne da questão estava em mim, não neles”. Tanto o problema como a sua solução estão lá no fundo do homem e para encontrá-los só é preciso viajar para dentro, pois esse é o caminho, para dentro, sempre.

Roberto Carlos Ribeiro
Doutorando em Letras pela PUCRS